

# **CORTESIAS E TROCAS LINGUÍSTICAS: O DICIONÁRIO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS**

**Alexandre Cezar da Silva**

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo principal, estudar e analisar a relação existente entre dicionário e sala de aula. Para atingir esse objetivo temos como base os fundamentos teóricos presente nos pressupostos de Pontes, Klieger, Bagno e Borton – Ricardo. Balizados, nos mesmos, confeccionamos algumas atividades, que podem auxiliar o professor no enfrentamento dos diversos preconceitos que envolvem o dicionário e, por conseguinte as próprias variações não eleitas da língua.

**PALAVRAS – CHAVES:** dicionário; preconceito; sala de aula.

**ABSTRACT:** This paper's main objective is to study and analyze the relationship between dictionary and classroom. To achieve this goal we build on the theoretical assumptions in this Bridges, Klieger, Bagno and Borton - Ricardo. Baptized in the same we made some activities that can help teachers in dealing with various prejudices that surround the dictionary and, therefore the unelected own variations of the language.

**KEYWORDS:** dictionary; prejudice; classroom.

## **Introdução**

Durante a produção e a análise de diversos trabalhos na área lexicográfica, nos deparamos com diferentes questões que envolvem a tênue relação entre dicionário e preconceito linguístico e a consequência deste com o ensino/aprendizagem, questões as quais, normalmente, passam despercebidas nas entrelinhas de trabalhos que envolvem o dicionário.

São freqüentes indagações do tipo: Como trabalhar com o dicionário, sendo este um instrumento secular criado por uma dada elite, dita superior de cultura e de “conhecimentos elevados”, que “fala correto”, no fazer pedagógico de uma maioria “semi-analfabeta”, escassa de conhecimentos acadêmicos, que antes de tudo fala errado? Ou ainda qual espaço deve ser relevado aos signos provenientes dos léxicos das comunidades minoritárias, seja estas quilombolas, ou indígenas, ou ainda comunidades sertanistas e/ou interioranas, dentro dos atuais

dicionários de uso global e/ou escolar e como estes mesmos dicionários se comportam diante da invasão dos estrangeirismos?

Tais questões de difícil resolução são na verdade resultado de uma cultura há tempos presente em nossa sociedade, a qual já há tempos adentrou no campo do senso comum, mas em verdade encontra-se muito pouco combatida. É o senso de que nossas salas de aula são homogêneas. Essa muito provavelmente filha de outra terrível inverdade a de que a sociedade é igualitária, a existência de classes sociais por sua vez é fruto das diferenças de esforço individual de cada um e/ou talvez por obra do acaso.

Essas idéias são frutos de uma cultura distorcida, industrializada, proveniente das castas superiores que chega até nós, embebida em ideologias de uma contínua e consistente melhora. É bem verdade que as pesquisas em torno da educação comprovam certa evolução, nos diversos índices que avaliam nossos alunos, mas ao passo que esta caminha demorara incontáveis gerações para que alcancemos à educação preconizada por Paulo Freire.

São inúmeros os obstáculos para que a educação abandone seu caráter colonialista e se transforme em um instrumento de inserção social, capaz de aplanar a enorme pirâmide existente em nossa sociedade. Acreditamos que um dos mais relevantes obstáculos, para isto, encontra-se na língua. Essa que em nosso entender é a maior “descoberta” do homem, além de ser, indubitavelmente, o pilar que dá sustentabilidade a sociedade como a conhecemos.

A linguagem, em seu atual estágio, transpassa a condição instrumental de comunicação entre indivíduos no mesmo espaço-temporal, possibilitando que indivíduos em épocas e lugares diferentes dialoguem. Entretanto o mesmo instrumento que une é o que separa. São incontáveis os conflitos históricos ocasionados pela intolerância à cultura, à religião, à linguagem do outro, o que a nosso ver isso se configura como uma continuidade do mito da Torre de Babel.

A história em conjunto com a lingüística nos mostra que a alma de um povo reside em sua linguagem, sempre que o povo conquistador desejava acabar com outro conquistado seu primeiro passo constitui-se na proibição do uso de seu idioma, sobre esse prisma compreendemos que um dos primeiros passos para um genocídio encontra-se no combate a língua do povo perseguido. Infelizmente a nosso ver a intolerância com o diferente, não reside apenas no campo da “política internacional”, mas adentram em praticamente todos os setores e instituições da sociedade civil e

em praticamente todas as épocas e lugares do mundo. Como nos lembra Bagno (1999) o preconceito lingüístico constitui-se em um não aceitar, da variação lingüística falada pelo outro, ainda na concepção do mesmo autor os chamados erros gramaticais não existem nas línguas naturais, salvo por patologias de ordem cognitiva. Na concepção de Xavier (2007), a qual ressaltamos, a noção de correto imposta pelo ensino tradicional da gramática normativa e o repasse incorreto do léxico pertencente à variação padrão da língua originam os preconceitos contra as variedades não padrão.

Em nosso entendimento a escola deveria atuar como um combatente a este como a muitos outros preconceitos, mas infelizmente, essas também como foram observadas, tornou-se uma fonte discriminatória das variações não padrão da língua. Bagno (1999) nos lembra ainda que a vitória sobre esse preconceito passa por um estudo mais apropriado da língua, onde o aluno tenha as outras variedades, mas sempre tendo como base em sua própria variedade.

Sobre esse prisma compreendemos o papel impa desempenhado pelo dicionário, nessa “epopéia”, ou melhor, que este deveria desempenhar, pois infelizmente seu uso ainda é pouco difundido em nossas salas de aula e quando é feito este tende a gerar ainda mais estigmas e distorções do que seu não uso. Compreendemos que, o combate a essas bases é imperioso para alcançamos uma educação freiriana. Balizados nisso confeccionamos o presente trabalho.

Nosso texto pretende, apoiada na fundamentação teórica levantada por nós e em diversas investigações existentes, oferecer subsídios para que esse estigma seja mais bem enfrentado. Pretendemos ir além do diálogo com nossos pares da academia e visamos apresentar exemplos e sugestões de trabalhos que envolva o dicionário, estimulando e adequando seu uso. Pretendemos ainda dá subsídios que auxiliem o professorado a identificar e combater focos de preconceitos que envolva as obras lexicográficas e em conseguinte a própria variação lingüística, contudo não almejamos repassar formulas pronta, as quais se adéqüem a qualquer sala de aula, pois é de nosso saber que cada sala de aula é uma variante complementar diferente. Nosso propósito é outro, incide em estimular nossos colegas a construírem e desenvolverem novas atividades que tenham por base romper com os diferentes estigmas que circundam o dicionário.

Sem pretendemos esgotar os desafios e as possibilidades envolvidas nas temáticas em pauta, estruturamos o texto de modo a discutir, inicialmente a relação linguagem e cultura, a

seguir o papel do dicionário na catalogação e manutenção da língua, iremos procurar respostas, balizados em pesquisas já existentes, para diversos questionamentos que envolvem a presença do dicionário dentro da sala de aula, com base no exposto iremos sugerir estratégias pedagógicas que possam ser úteis para a abordagem e estímulos do uso consciente do dicionário e o combater a alguns preconceitos. Finalmente apresentaremos nossas considerações finais, trazendo à cena alguns desafios encontrados durante a confecção do presente trabalho, além de um apanhado de impressões as quais esperamos ser estímulo a realização de novas pesquisas nesse campo carente de investigações e análises.

## **2. A tênue relação entre linguagem e cultura**

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança com o meio, os pais, primeiros agentes de interação social da criança, vão, muitas vezes através de histórias e fábulas, repassando valores ideológicos que lhes acompanharam pelo resto de suas vidas. Deste modo não é raro as crianças terem acessos, antes mesmo de aprender a falar, a costumes, crenças e regras que em suma vão lhe compor a base ideológico-cultural de suas vidas. À medida que o individuo cresce em estatura e em modos de interação com o meio, sua “relevância social” vai aumentando sempre em consonância com o status social dos pais.

Para uma melhor acomodação do indivíduo socialmente é fundamental a ação de fatores externos, efetuados pelos diversos meios de propagação de cultura, como internet, televisão, rádios, jornais, revistas, clubes, igrejas, escolas, comunidade etc. que tendem a delimitar de forma mais efetiva o espaço e as ações que o indivíduo deverá exercer para o bom funcionamento da sociedade, tentando ao máximo evitar ações e idéias que rompa com a harmonia da comunidade, neste prisma o grande instrumento de controle social encontra-se na cultura transmitida pelos diversos meios de comunicação já citados através das diversas linguagens.

Como nos lembra ABL (2002)

A linguagem é como se vê um produto primordial do espírito. Como tal deve ser considerada, mas não como algo válido em si e por si, abstração feita de seu criador, isso é, da pessoa humana que dá nome a tudo que existe, compondo o mundo e a cultura (...) A cultura, por conseguinte, é o complexo e sempre inconcluso mundo dos objetos do conhecimento, sendo a linguagem a sua expressão comunicativa, pois, dar nome às coisas significa criá-las e dar-lhes significado, razão pela qual acertadamente afirma Gadamer que toda criação, tanto nas ciências como nas artes, no fundo, constitui um ato de interpretação ou de hermenêutica. Esta, com efeito, não fica adstrita ao valor das palavras isoladamente, mas procura captar o sentido global que elas têm em dado campo da pesquisa ou da atividade.

Na concepção de Laraia (1997: p.70) citando Benedict a cultura é a lente através da qual o homem vê o mundo, homens de culturas diferentes trazem visões de mundo diferentes que muitas vezes se opõem incompatíveis para determinados padrões. Quando nos referimos aos indivíduos com visões de mundo distintas, não necessariamente estamos nos remetendo à diferença existente entre orientais e ocidentais, entre europeus e africanos, entre americanos e asiáticos. Estas diferenças podem existir dentro de um mesmo país, como é o caso do Brasil no que tange a diferença entre sul e sudeste em relação ao norte e nordeste e também dentro de um mesmo estado interior e capital e até mesmo dentro de uma mesma cidade ou dentro de um bairro, quando nos remetemos a relação entre ricos e pobres.

O fato do homem vê o mundo a sua cultura tem por consequência o aparecimento e manutenção dos diversos preconceitos existentes, que tende a culminar na ampliação e hermeticidade do seu espaço social em detrimento do outro. Na concepção de Silva (2008: 03) a cultura se configura como um conjunto de características não inatas ao ser humano e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Daí a forte integração entre cultura e linguagem, em que ambas se entrelaçam se nutrem de forma quase simbiótica.

No entendimento de Heidegger e Gadamer citados pela ABL (2002), afirma-se que a linguagem é o solo da cultura, entendida esta, não apenas como a capacidade de participar de um número cada vez maior de valores intelectuais ou artísticos, mas antropologicamente, como acervo de tudo aquilo que a espécie humana veio acumulando ao longo de sua experiência

histórica. Em que o indivíduo vai assimilando conhecimentos e vivências, que o antecedem, vai modelando e remodelando sua linguagem, assim a identidade de um indivíduo pode ser definida pelo conjunto de signos que compõem o seu léxico e como este faz uso destes símbolos para interagir com seus pares sociais.

Ressalva Guerra (2001: p.209)

Uma das formas mais claras de transmissão destas características faz-se através da língua. Quando falamos fornecemos uma infinidade de informações sobre a nossa identidade pública e privada. A língua traz inserida na sua estrutura, desde o seu sistema fonológico até as relações pragmáticas de escolhas lingüísticas nas variadas situações de interação social, elementos que identificam a percepção que temos de nós próprios e dos outros. Entretanto, talvez seja no léxico que transmitimos com maior clareza estas características.

Os indivíduos que trazem marcas lingüísticas equivalentes e/ou pertencentes a uma dada língua ou área de estudo, tendem a unirem-se e a compor associações, comunidades, tribos nações etc. as quais são muitas vezes restritas aos iniciados em dada ciência ou em dado idioma. Assim a língua não é apenas um diferenciador de indivíduos, mas um meio de agrupar pessoas que normalmente trazem em comum: experiências, conhecimentos, anseios e aspirações. Infelizmente, como já ressaltamos, as pessoas pertencentes a esses diferentes mundo, tente a se fechar a apresentar características xenofóbicas, o que em um mundo globalizado e aberto como atual, torna-se inviável. A influencia mútua das diferentes linguagem é sem dúvidas o passaporte para o mundo sem fronteira e de cultura mista.

## **2.2. Linguagem e léxico**

Como nos Define Silva (2008: p. 02) o homem é um ser de interação social por natureza, nenhuma outra espécie desenvolveu ao longo de sua jornada evolutiva o acervo de meios de comunicação ao qual o homem dispõe. A comunicação é, por conseguinte um instrumento social e que por sua vez da sustentabilidade a sociedade como a conhecemos.

Nestes termos linguagem configura-se como a compilação de sistemas de interação que abrange atitudes, gestos, símbolos, sinais, sons entre outros, os quais permitem o repasse de idéias, sentimentos, preceitos e ideologias. Na concepção de Silva (2008: p.10) a qual reafirmamos a língua se configura como um conjunto de signos, o qual se compila todo o universo, sensível, imaginário e científico humano.

Fortemente ligada ao ideário de uma dada comunidade lingüística o léxico é a compilação dos diversos signos usados para representar os diversos universos em que o individuo esta inserido, deste modo, como já ressaltamos ao mesmo tempo em que a língua aproxima também diferencia seja uma comunidade idiomática em relação às outras comunidades idiomáticas ou indivíduos em relação a seus pares sociais. Ainda como nos ressalva Silva (2008: p.14)

O léxico de qualquer língua vai muito além da palavra como matéria fonomórfica. Englobando o próprio espírito de seus usuários, tornando-se parte viva da sociedade e como tal absolveu da mesma suas capacidades básicas de recria-se e renovar-se. Tornando-se por sua vez o reflexo do próprio espírito de seus usuários. O sistema léxico expressa as experiências culturais da comunidade que o originam ao longo do tempo, ou seja, o léxico se constrói em conjunto com a história de seus usuários. Repassando de geração em geração vai se moldando para atender as demandas de comunicação originaria das vivencias sociais.

Desta forma o léxico vai se construindo na medida em que é usado, na medida em que se criam relações entre dados vocábulos de uma língua. Nessa perspectiva O Ministério da Educação (2006: p. 16) nos lembra que o léxico, mesmo em sua dimensão de “conjunto de palavras dispostas em uma língua”, é, antes de tudo, uma rede de funções e relações de forma e de sentido entre vocábulos e não uma simples lista de itens. Isso porque no domínio do léxico nenhuma unidade está isolada das demais. E essas relações podem ser:

- De sentido – como as que se estabelecem entre palavras que pertencem a um mesmo campo temático e que podem ser ou não sinônimas.



- De forma – vocábulos que são homônimos ou parônimos um do outro, ou que apresentam as mesmas sílabas ou os mesmos fonemas, mas dispostas em ordens diferentes.
- De forma e de sentido – como acontece com series de palavras que têm um mesmo radical e pertencem à mesma família.

Na medida em que vai aumentando os usos e relações entre os signos seu número também vai aumentando. Sedo que essas novas relações tanto podem ocorrer nas camadas altas para as camadas baixas da sociedade, como o inverso também é verdadeiro, mas a aceitação e validação do signo sempre ocorrem na parte superior da pirâmide.

Assim vai sendo composto o mosaico lexical de um povo, mosaico esse que é idêntico ao retrato do próprio espírito de seus usuários. Desta forma compreendemos que estudar o léxico é estudar o próprio homem com suas relações sociais, seus meios de interação e aquisição de conhecimentos e por que não seu próprio espaço dentro da sociedade. Daí a relevância do dicionário dentro da sala de aula, estendido esse como o esboço da variação eleita em uso e o porquê da estreita relação existente entre da ciência do léxico – lexicografia – com as diversas ciências humanas como a antropologia, sociologia, filosofia etc.

### **3. O dicionário como instrumento pedagógico**

Como foi observado o dicionário é uma obra consultiva que circula na sociedade, entre alunos, consulentes e aprendizes. É o acervo léxico – cultural de uma comunidade e que possui um fim didático, auxiliando nos processos de leitura, escrita e análise lingüística. Nesta perspectiva é fácil perceber o crescente e pungente potencial didático do dicionário, lembrando Klieger (2007: p.252).

Embora os dicionários de língua não possam ser classificados como livros didáticos “stricto sensu”, seu potencial pedagógico é indubitável, pois ajuda o aluno a ler, escrever a expressar-se bem,



oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre o léxico, seus usos e sentidos, bem como sobre o componente gramatical das unidades que integram. Em razão disso, os dicionários de língua portuguesa [...] contribuem para a alfabetização e o desenvolvimento da competência de leitura. Podem ainda auxiliar, em muito, nos estudos descritivos da língua materna e também de outras disciplinas curriculares.

Sousa (2005: p07) citando Favero ressalta que trabalhar com o léxico em sala de aula é, pois, trabalhar com textos reais, produtos de relação entre sujeitos sociais, assim o uso do dicionário é de suma importância na trajetória da vida estudantil. Através de atividades que envolvam o dicionário o aluno pode adquirir habilidades lingüísticas e ampliar seus conhecimentos.

Na concepção do Ministério da Educação (2006: p.13) uma consulta a um dicionário bem elaborado permite que o aluno saia enriquecido de experiências. E um desses enriquecimentos será a sua progressiva familiaridade com a organização própria do gênero, ou seja, o conhecimento que adquire sobre os tipos de informação que ali se encontram, ou mesmo a rapidez crescente com que localizará uma informação. Nesse sentido, o uso consciente e crítico de um dicionário acabam desenvolvendo uma proficiência específica para a busca, o processamento e a compreensão das informações lexicográficas.

Conhecimento esse que, por sua vez, será uma excelente ferramenta para o desenvolvimento da competência leitora e domínio do mundo da escrita. É exatamente por esse motivo que o surgimento dos dicionários, numa língua determinada, assim como o seu uso efetivo nas mais diferentes situações sociais, indica um alto grau de letramento, seja da sociedade, seja do usuário proficiente.

Na concepção de Sousa (2005: p. 40) Um aprendiz que fizer bom uso do dicionário, estará apto a continuar aprendendo fora do ambiente da sala de aula, o que lhe proporcionará considerável autonomia sobre decisões que tiver que tomar e por sua vez sobre sua própria aprendizagem. Para tanto, quanto mais cedo for “treinado” a manusear dicionários, enciclopédias e livros, maiores descobertas fará, maior capacidade de trabalhar sozinho terá, conseqüentemente, maior produtividade apresentara em seus estudos.

Ainda na concepção de Sousa (2005: p42) citando soares ressalva que:

Não é só nas salas de Língua Portuguesa que o aluno deverá recorrer ao dicionário, mas habituar-se a usá-lo quando estiver estudando qualquer disciplina. A todos os professores compete formar tal hábito em seus alunos, porque lutar por um crescimento lingüístico não é tarefa exclusiva do professor de línguas, mas de todo o corpo docente e porque não te todos os indivíduos que se relacionam com a educação, uma vez que o esforço isolado tende a se perder.

Pensando nisso, o Ministério da Educação passou a oferecer desde 2001, dicionários para os alunos da rede pública de educação, onde o mais importante é que os alunos ficam com esses dicionários possibilitando seu uso até mesmo fora da sala de aula. Entretanto, mesmo de posse desses dicionários diversos problemas vêm sendo constatados. Problemas estes os quais temos por convicção que podem ser sanados ou pelo menos amenizados, com estratégias específicas e o bom senso, o que sem dúvidas iria gerar um ganho de produtividades considerável.

#### **4. A relação dicionário e sala de aula: dúvidas e questionamentos**

Como nos lembra Silva (2008: p.18) se o dicionário é um retrato idiomático de uma dada comunidade ou classe, sem dúvidas que esta é a classe social dominante, bem diferente das classes que preenchem a grande maioria das salas de aula da rede pública brasileira. Daí nos chega o seguinte questionamento: como se trabalhar com um instrumento secular criado por uma e para uma dada elite, dita superior de cultura e de conhecimentos elevados, que “fala correto”, no fazer pedagógico de uma maioria “semi-analfabeta”, escassa de conhecimentos acadêmicos, que antes de tudo “fala errado”.

Acreditamos ser necessário, antes de qualquer, coisa como ressalta Bortoni – Ricardo (2005: p.08) combatermos a “cultura do erro”, que nada tem de lingüístico que em verdade não passa de um (pseudo) conceito estritamente sociocultural, decorrente dos critérios de avaliação, isto é, dos preconceitos que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as classes sociais.

O verdadeiro intuito de se “ensinar português”, está ligada a necessidade de comunicação, – daí a relevância da presença do dicionário no fazer pedagógico de nossos discentes – cada vez mais nossos alunos encontram-se inseridos em um mundo globalizado, voltado para a interação com diferentes pares e em diferentes papéis por isso como nos lembra Botoni – Ricardo (2005: p.09).

Cabe a escola levar os alunos a se apoderarem também das regras lingüísticas que gozam de prestígios, a enriquecer o seu repertório lingüístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique q desvalorização de sua própria variedade lingüística, adquirida nas relações sociais.

Em suma o ensino de português deve ser pautado na variedade lingüística falada pelo próprio aluno, para então o professor inserir de forma reflexiva e pausada os conceitos, regras e signos que tangem uma outra variedade.

Sobre este prisma o dicionário deve assumir um “papel didático”, mas com algumas ressalvas, devemos ter em voga que o dicionário é um instrumento multi – cultura, mas centrado na cultura dominante, que pode agir em desfavor das diversas variantes culturais que compõem as salas de aula, sendo papel do professor combater estes estigmas, daí mais uma vez ressalvamos a necessidade de um bom preparo acadêmico por parte de nosso corpo docente.

Outro questionamento importante o qual merece menção é o que trata do espaço em nossos dicionários destinado aos signos menos comuns às comunidades dominantes: “Qual o espaço deve ser reservado aos signos oriundos e de usos restritos as comunidades minoritárias seja esta, quilombola ou indígena ou ainda as comunidades sertanistas e/ou interioranas, dentro dos atuais dicionários de uso globais e/ou escolares e como estes mesmos dicionários se comportam diante da invasão dos estrangeirismos?”.

Como já foi constatado através de pesquisas cada vez mais a língua portuguesa, como praticamente todas as línguas do mundo, recebem expressões de origem estrangeira, o que por conseqüência tende a ser levado para o dicionário, seja em sua forma bruta através e/ou em sua

forma aporuguesada em quanto os signos de origem e significado mais restritos as minorias de uso quilombolas e indígenas, tendem a perder uma certa força e espaço dentro da língua contemporânea, o que por sua vez tende a gerar uma manutenção ou redução do espaço destinados a estes signos dentro dos atuais dicionários. O que infelizmente é praticamente inevitável em uma cultura cada vez mais globalizada.

Felizmente, na contramão de tudo isto, é cada vez mais comum estudos acadêmicos em torno do léxico das comunidades idiomáticas como afirma Aragão, Pontes e Farias (2006: p.06) Nos últimos anos a produção lexicográfica em torno dos léxicos regionais tem tomado um impulso significativo, através de trabalhos de pesquisa para teses e dissertações, de livros teóricos e de linguagens especiais na publicação de dicionários, vocabulários e glossários de linguagem regional popular, que têm como característica serem elaborados por pessoas com outras formações profissionais que não lingüistas, como jornalistas, engenheiros, médicos, folcloristas ou pessoas curiosas que resolveram listar e publicar, em forma de dicionário, palavras e expressões populares que, crêem eles, são típicas daquele estado específico.

Essa tendência atual segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o Vocabulário Pernambucano; Leon Clerot (1959), com o Vocabulário de Termos Populares e Gírias da Paraíba; Raimundo Girão (1967) com o Vocabulário Cearense; Horácio de Almeida (1979) com o Dicionário Popular Paraibano; Raimundo Nonato (1980) com o Calepino Potiguar:- Gíria Riograndense; Tomé Cabral (1982) com o Dicionário de Termos e Expressões Populares; Leonardo Mota (1982) com o Adagiário Brasileiro e Florival Seraine (1991) com o Dicionário de Termos Populares - Registrados no Ceará, entre outros. (Aragão; Pontes; Farias; 2006: p.06).

Entretanto estes estudos ainda ficam confinados as academias, daí outra grande necessidade, a qual já ressaltamos, a de deixar cair por terra os “muros universitários” e entregar o conhecimento a quem pertence por direito: os cidadãos comuns que formam a grande massa social.

## **5. Estratégias e usos: o dicionário em sala de aula**

Como nos sugere Peroni, Macedo e Marco (2005) o ambiente escolar deve ser um facilitador do ensino aprendizagem, ainda segundo os mesmos autores pesquisas comprovam que um ambiente harmônico com cores claras, preferencialmente primárias, estimula o estudo além de facilitar a memorização de conteúdos. Assim a sala de aula deve ser um ambiente alegre, acolhedor, o qual permita o discente o adaptem as suas necessidades, tenha a possibilidade de caracterizá-lo a sua vontade, para assim haver uma identificação entre o aluno e sala de aula. Compreendemos que nenhuma sala de aula é capaz de comportar uma biblioteca, mas acreditamos que vários livros devem está à disposição dos alunos, como por exemplo, obras literárias, revistas, jornais, enciclopédias, gramáticas além do dicionário. Para este sugerimos que não se limite apenas a obras de uma única editora e/ou de um único tipo, mas sim dicionários de várias editoras e tipos como, por exemplo: dicionários de sinônimos e antônimos, dicionários de verbos, etc. além de dicionários bilíngües, estas obras devem estar sempre à vista e aos alçam-se dos alunos.

Temos por convicção que estes dicionários não devem ser tratados como meros adornos, nas salas de aula, mas como instrumentos de didáticos presente e atuante na vida educacional de nossos discentes, para isso acreditamos ser necessário que os professore empreguem e se utilizem de estratégias que ensinem e estimulem o aluno a pesquisar no dicionário, não apenas dentro das salas de aula, ma sempre que estes se encontrem com duvidadas pois como firma Pontes (2003: p.01) Pesquisas comprovam que o mau uso do desse instrumento causa frustração e desinteresse.

Para evitarmos esta triste realidade e balizados em diversas pesquisas já realizadas elaboramos algumas atividades as quais acreditamos que facilitem e estimulem o uso do dicionário, algumas dessas configuram-se como atividades interdisciplinares e inter-classes.

Sugerimos que as atividades que envolvam o dicionário sejam realizadas, nos primeiros dias de aula, pois quanto mais rápido o aluno se familiarizar com o uso do dicionário mais proveitoso este será em sua vida. Um bom exemplo de atividade e a qual indubitavelmente rendem bons frutos é levar os alunos a catalogar palavras e expressões de seu uso, as quais nem sempre estão presente no dicionário.

Lembramos que o dicionário é um depósito de signos da variedade eleita como “correta” e/ou “padrão” de uma dada língua, o que, como já foi lembrado por nós, o torna muitas vezes distante de seu usuário comum. Em suma a não iniciação do aluno menos favorecida na forma padrão da língua tende a distanciar e até mesmo frustrado o discente frente ao dicionário.

Balizados nisso aconselhamos que essa catalogação se estenda também a gírias expressões em desuso ou de uso restritos as minorias, para isso sugerimos que a sala de aula, seja dividida em equipes as quais devem visitar pessoas idosas, quando possível visitem também comunidades quilombolas e/ou indígenas. Ao final do levantamento sugerimos que os signos sejam catalogados, para a confecção do dicionário. Aconselhamos que para as séries iniciais, os verbetes sejam divididos em tema e/ou categorias como, por exemplo: brinquedos; jogos; animais; objetos; etc. para as séries finais sugerimos que a composição do dicionário se der de modo tradicional, com as entradas dispostas em ordem alfabética, mas se os alunos acharem melhor confeccionar o dicionário com outro tipo de disposição, devem ser apoiados pelo professor. Ficando também a critério desses a presença e seleção de figuras que ilustrem os verbetes.

Após a confecção dos dicionários, sugerimos que as diversas turmas ou classes, preparem exposições com murais, cartazes e placas. Para esse evento acreditamos ser necessário não só a presença de todo o colegiado escolar, mas todo a comunidades que usufrui direta ou indiretamente da escola. Durante o evento o(s) dicionário(s), que deve conter o nome de todas as turmas e/ou alunos que o compuseram, deve ser apresentado à comunidade, pois como sabemos o dicionário não é a construção de um único indivíduo ou uma obra isolada, pois sua função indubitavelmente é integrar.

Outra atividade que rende bons frutos é o “cantinho da palavra”, o professor instiga os alunos a elegerem um local dentro da sala de aula para colar cartolinas e/ou papeis em branco, a cada nova palavra encontrada pelo aluno, dentro ou fora da sala de aula e que lhe deixe em dúvidas, juntamente com seu respectivo significado, para a confecção do significado, sugerimos que o professor deixe os alunos à vontade para pesquisarem em fontes alternativas ou para buscarem o contexto onde o signo apareça. Indicamos para essa atividade o uso de cartolinas e/ou papeis de cores diferentes para que o aluno no ato de fiquisação do verbe, também o categorize

segundo sua classe gramatical, origem e/ou usos. Ao final de cada ano letivo, estes verbetes devem ser recolhidos para a construção de um dicionário de classe.

Uma outra atividade que deve ser realizada em sala de aula e que tende a levar os alunos a valorizar o uso do dicionário além do trabalho em equipe, diz respeito à produção de um dicionário de siglas para esta tarefa aconselhamos que o professor divida a sala de aula em equipes as quais devem realizar esta atividade em forma de “gincana de aprendizagem” a qual o resultado final deve ser a confraternização entre os discentes e entre os alunos e o dicionário. Sugerimos ainda que o professor estenda esta atividade para fora da sala de aula, deixando os alunos à vontade para pesquisarem nas diversas fontes que dispuserem, com, por exemplo: revistas, jornais, livros, televisão, rádio, internet além do próprio dicionário. No final dos levantamentos os diversos trabalhos devem ser unidos e deve ficar a critério dos discentes e composição e disposição do dicionário.

Além dos exemplos por nós citados outra atividade fácil e que rende também bons resultados é a listagem de palavras, o professor seleciona diversos textos, não necessariamente literários. A partir deles o professor elege signos desconhecidos para os alunos, os quais com o auxílio do próprio texto devem reconhecer os significantes e balizados no contexto em que aparecem devem criar significados. Após confecção dos diversos verbetes, o professor repassará aos alunos as versões encontradas no dicionário, para que estes possam fazer uma comparação dos verbetes criados por eles e os dos dicionários.

Acreditamos que existem muitos modos de se trabalhar com o dicionário, os exemplos apresentados por nós são uma pequena amostra de como o trabalho com o dicionário pode ser empolgante e excitante, dessa forma temos por base que o professor deve ser um profundo conhecedor de sua sala de aula e deve ficar a critério deste o melhor modo de introduzir e estimular o uso desse importantíssimo instrumento didático.

## **6. Considerações finais**

Nossa análise nos levou a um consenso, de que mesmo com alguns incentivos por parte de pesquisadores, os diversos trabalhos e dados já existentes, como os que constituem nossa base e



bibliografia, e até mesmo por parte do governo através da adesão deste ao Programa Nacional do Livro Didático, o uso consciente do dicionário ainda é pouco estimulado, sendo que sua presença em sala de aula ainda gera preconceitos e estigmas.

Pesquisas revelaram que os professores acreditam no potencial didático do dicionário, mesmo os que, infelizmente, não tenham sido preparados para repassar as habilidades necessárias para o bom uso do mesmo, daí acreditamos e ressaltamos a necessidade de cursos que responda as diversas questões que envolva o dicionário e principalmente o preconceito que o mau uso deste pode gerar.

Em nossa pesquisa foi constatada a grande necessidade de ações que busquem combater o preconceito lingüístico, como também os diversos preconceitos existentes em sociedade. Estes, infelizmente, ainda não encontram, na escola, uma barreira eficaz, capaz de para o avanço constante desses estigmas em nosso meio.

Foi objetivo deste trabalho discutir e alertar sobre a importância do uso do dicionário em sala de aula. E, como este pode colaborar para a vitória sobre os diversos preconceitos que cercam as variações não eleita, durante a produção do presente trabalho, muitos obstáculos foram encontrados como por exemplos, a falta de pesquisas e subsídios que balizem pesquisas nesta área. Infelizmente como ressaltou Silva (2008: p 09) este é um campo escasso que por sua vez tem resultados diretos em sala de aula. Estamos cientes de que nossa pesquisa não sanou com todas as diversas questões em pauta, mas acreditamos que esta é um passo relevante para uma vitória significativa sobre este preconceito, daí ressaltamos a necessidade da continuidade de nossa pesquisa e a importância de outras pesquisas neste campo do conhecimento.

Portanto, serão muito bem vindas novas pesquisas, promovidas pelos diversos estudiosos que acreditam no potencial deste relevante instrumento, pois ainda há muitas perguntas a serem respondidas, referentes tanto as diversas situações de uso na aprendizagem, quanto sua utilização no cotidiano fora das salas de aula.

## **Bibliografia**

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Cultura e Linguagem**. Disponível em <[http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=11&infoid=2589&sid=417](http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=11&infoid=2589&sid=417)>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; PONTES, Antônio Luciano; FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **ORG. Tópicos em lexicografia**, lexicologia e terminologia. Fortaleza: UFC, 2006.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 21ª ed. São Paulo: 21ª edição, Loyola, 1999.

BORGES, Luis Carlos. **Cultura e Antropologia**. Disponível em <[www.scielo.br/pdf/prc/v174n3/a13v16n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/prc/v174n3/a13v16n2.pdf)>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.

BORTONI – RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolingüística em sala de aula**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Parábola, 2004.

GUERRA, Luis. **A construção da identidade social e individual no léxico da língua inglesa**. Polifonia. Ed. Colibri Lisboa, nº 04, p. 209 – 214. 2001.

KRIEGER, Maria das Garças. **Políticas Públicas e dicionário para a escolar: o programa nacional do livro didático: disponível em** <[www.cadernos.usfsc.br/online/cadernos18/krieger.pdf](http://www.cadernos.usfsc.br/online/cadernos18/krieger.pdf)>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura – Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.69 – 76. 1997.

PERONI, Diogo Ezequiel; MARCEDO, Amanda Ribeiro; MARCO, Plínio Toni de. **A influencia do ambiente escolar no desenvolvimento cognitivo de crianças de 1ª a 4ª**. Disponível em <[www.utp.br/biblioteca/A%20influ%EAncia%20do%20ambiente%20escolar.doc](http://www.utp.br/biblioteca/A%20influ%EAncia%20do%20ambiente%20escolar.doc)>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário em sala de aula: saberes e aplicações**. Fortaleza: UECE, 2003.

RANGEL, Egon de Oliveira. **Dicionário em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2006. 155 p.

SILVA, Alexandre Cezar da. **O uso do dicionário nas salas de aula de Ocara**. Ocara: 2008. 25; Artigo apresentado como requisito obrigatório para obtenção de título de licenciado em letras: FECLESC/ UECE.

SOUSA, Maria de Cleofas Silva. Metodologia do trabalho com dicionário. Fortaleza , 2005. 62. Monografia apresentada para obtenção de título de especialista: pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa, Universidade Estadual do Ceará.

XAVIER, Diogo; et al. O preconceito lingüístico na sala de aula: atitudes de professores e alunos de 7ª a 8ª séries diante da variação linguística In: Revista FAFIRE. V.2/ Nº 1 2009. ISSN: 1982-5862. Disponível em <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1024050> >. Acesso em: 10 de outubro de 2014.